

## A Medicina e a História

Há 50 anos, existia em Portugal uma taxa de analfabetismo que se situava alguns pontos acima dos 40%. Era uma situação pouco prestigiante e o governo da altura decidiu lançar uma “campanha de alfabetização de adultos”. O objectivo não era só ensinar a ler, escrever e contar, mas também instilar nas cabeças dos educandos o respeito pelos valores tradicionais – Deus, Pátria e Família – à maneira do mais puro Integralismo Lusitano.

Espíritos maldosos que tiveram acesso aos exames finais, organizaram pequenas colectâneas das redacções feitas pelos alunos a partir de temas propostos e puseram-nas a circular clandestinamente. Foi assim que chegaram até nós textos, alguns dos quais sobre História de Portugal, que são verdadeiras preciosidades. Vejam só este exemplo:

*“A revolução de 1640 foi descoberta no reinado de Filipe III. A revolução de 1640 foram os portugueses que a descobriram. A revolução de 1640 durou muitos anos porque estivera debaixo dos Filipes. Filipe II descobriu a guerra da independência. Eu gosto muito da revolução de 1640. A revolução de 1640 deu-se para descobrir o Miguel de Vasconcelos que estava num armário de pa-peis”.*

Passado todo este tempo, com uma revolução de Abril em cima — mais as “campanhas de dinamização cultural”, mais a democratização do ensino — será que o conhecimento acerca da História melhorou?

Tudo leva a crer que não. Entrevistas feitas pela televisão a jovens universitários transmitem uma imagem con-frangedora de ignorância, e pequenos inquéritos avulsos dirigidos à nossa classe média revelam resultados espantosos. Um exemplo: à pergunta “quem foi o primeiro Presidente da República Portuguesa”, o leque de respostas obtidas incluiu Ramalho Eanes, Salazar, Mário Soares e, até, Kaúlza de Arriaga!

Ora, o problema que hoje se coloca é este: serve a História para alguma coisa ou é apenas um passatempo estéril de alguns fanáticos da cultura que gastam os dinheiros públicos a contrair rinites alérgicas na poeira dos nossos arquivos?

George Santayana (1863-1952) tem acerca disto uma frase lapidar: *“Those who cannot remember the past are condemned to repeat it”*. Quer dizer que, para além do prazer intelectual, o estudo da História é essencial se acaso se pretende evitar que erros do passado se repitam no futuro. Este problema ganhou, aliás, grande actualidade,

a propósito do 60<sup>o</sup>. aniversário da Guerra Civil de Espanha. Para alguns comentadores, o branqueamento que, em nome de uma eficácia tecnocrática, tem sido feita acerca dos horrores então praticados, abre as portas a que o “diabo” da História passe, um dia destes, a andar de novo à solta.

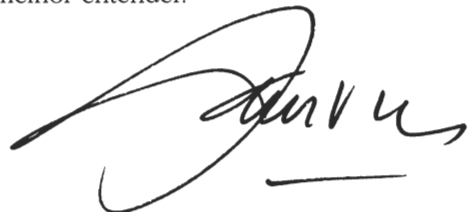
Vem tudo isto a propósito do artigo publicado neste número da Revista sobre o impacte social da sífilis, da autoria do nosso colega Germano de Sousa.

Há cinco séculos, a sociedade que os europeus tinham criado vivia uma época de feliz euforia sexual. Banhos públicos, prostituição e adultério marcavam pontos e deixavam vestígios inconfundíveis na iconografia dos finais do século XV. Subitamente, a sífilis, vinda não se sabe bem de onde, pôs ponto final nesta situação, obrigou a mudar comportamentos e mergulhou a Europa no ascetismo religioso e no culto, nem sempre conseguido, da fidelidade conjugal.

O percurso até à identificação da causa — o trepone-ma — e à descoberta de um tratamento eficaz — a penicilina — foi longo e penoso. Mas, depois disso, a humanidade, mais segura de si, convencida de que controlava a natureza e preparada, até, para anunciar o fim da História, entregou-se ao regabofe sexual dos anos sessenta. Foi então que um vírus minúsculo, que nem ADN possui, vindo também não se sabe bem donde, lançou novamente a confusão e obrigou a rever tudo: hábitos, comportamentos e princípios éticos.

A semelhança entre estas duas épocas, separadas por quase cinco séculos, não deixa de ser inquietante. Sobretudo quando tomamos consciência de que após um período de espantoso avanço tecnológico, que parecia ter colocado o Homem nas fronteiras dos grandes mistérios, aquilo que podemos oferecer para travar a endemia continua a ser o mesmo: castidade e preservativos.

É quase certo que desta vez não serão necessários cinco séculos para dar cabo da malvada da SIDA. Mas a lição da História aqui fica. Cada qual tire dela as conclusões que melhor entender.



**Barros Veloso**